

*Escrita e formas plurais
de um autor.*
o interessante caso
de tupã gomes corrêa
e victor aquino

Massimo di Felice¹

. II .

ESCRITA NA ÉPOCA DA VISÃO
CIENTÍFICA DO MUNDO

A relação entre texto escrito e ciência nunca foi fácil. A ciência afirma-se como uma nova maneira de ver o mundo e de representá-lo e, conseqüentemente,

1. Professor doutor do Curso de Relações Públicas na USP. Sociólogo e mestre em Sociologia pela Università La Sapienza di Roma. Doutor em Ciências da Comunicação. Autor de *Paisagens pós-urbanas*.

*E*scrita e formas plurais de um autor

inaugura uma nova escrita que não mais se contenta em narrar os fenômenos e a natureza que, enquanto medição exata e comprovação empírica, desenvolvem um tipo de escrita que utiliza fórmulas matemáticas e números. Deve-se a Galileu a invenção desta nova forma expressiva que, para assegurar a demonstração de teoria, necessitava não apenas de palavras, mas de números e cálculos complexos: “existem dois tipos de filósofos: os filósofos que utilizam as palavras e os filósofos matemáticos... Eu sou um filósofo matemático”.

A difusão em larga escala da visão de mundo científica e técnica acabou impondo uma circunscrição da escrita e da tecnologia alfabética às práticas das letras, às nobres atividades filosóficas e às ciências humanas. Fiéis à própria origem positivista, as ciências sociais e a sociologia, em particular, experimentaram a introdução de estatísticas, gráficos e dados numéricos em suas próprias narrativas, tipologias e arquiteturas sistêmicas complexas, visíveis, como as estrelas e os planetas de Galileu, apenas através de lentes e instrumentos amplificadores da visão. A submissão da escrita à lógica descritiva científica faz dos textos e dos artigos produzidos nesta lógica analítica expressão de uma lógica desveladora e precisa. O texto científico se torna uma máquina produtora de explicações e de comprovações, capaz de produzir um conteúdo pronto e autônomo em relação ao escritor e ao leitor. A ilusão da objetividade permeia o discurso e a lógica da escrita científica. Nesta última, o texto apresenta-se

Escrita e formas plurais de um autor

como algo em si, realidade autônoma, mas coerente e plenamente compreensível para a comunidade científica da área de referência. Este novo tipo de escrita é a expressão daquela que Martin Heidegger definia como a “*visão de mundo*” produzida pela ciência, ou seja, a forma de um modelo de conhecimento portador de uma específica ideia de mundo e de natureza.

Em época recente, a belga Isabelle Stengers, filósofa da ciência, lançou um manifesto por um “*ralentissement des sciences*” do sugestivo título “outra ciência é possível”. No texto, a autora denuncia a super-produtividade e a forma compulsiva de produção dos artigos científicos para publicação em revistas acadêmicas. Estes seriam responsáveis pela invenção de um novo tipo de escrita que não pressupõe leitores, mas apenas avaliadores. Esta distância entre os mecanismos de publicação em revistas acadêmicas e as realidades e as questões sociais relevantes marca uma tendência global na ciência que aproxima os cientistas da *fast science* dos consumidores de *fast food*, ou seja, regulamentados por temporalidades industriais e pela lógica competitiva. Este novo tipo de contexto científico seria responsável, portanto, pelo advento de um novo tipo de escrita que nos obriga a uma quantidade de produção significativa de textos escritos para ser aceitos e publicados nas revistas acadêmicas, produtores, portanto, de uma lógica convencional que busca o reconhecimento e, por esse motivo, adequam-se aos padrões de formato e conteúdo próprios deste âmbito.

Escrita e formas plurais de um autor

Além de um tipo de escrita ordenada, o texto escrito pelas revistas científicas produz uma narrativa analítica que se propõe a explicar um aspecto ou um detalhe específico, seccionando e analisando com cuidado os detalhes e as partes que o compõem, com o claro intento de alcançar um alto nível de objetividade sobre o assunto tratado. Tal característica dos textos científicos lembra a distinção elaborada pelo filósofo alemão F. Schlegel, que nos seus *Escritos de estéticas* descreve duas opostas tendências da estética da escrita e do ofício do escrever: “Cada escritor é inclinado quase sempre ou a não dizer muitas coisas que absolutamente deveriam ser ditas ou a dizer muitas coisas que não eram, de forma alguma, necessárias dizer. O primeiro é o pecado original das naturezas sintéticas, o segundo daquelas analíticas” (SCHLEGEL, 1986). Por trás de tal observação está a concepção segundo a qual a forma analítica da escrita produz um texto estático que, ao tentar dizer tudo sobre sua temática, apresenta-se ao leitor como um mecanismo, tendencialmente perfeito, que esbarra nele como a onda do mar bate no corpo que entra na água. O texto analítico mostra-se como um texto pronto, definitivo, que cria, conseqüentemente, um leitor passivo, cuja única possibilidade e função é a leitura do conteúdo do mesmo.

O escritor analítico observa o leitor como ele é; depois faz o seu cálculo e prepara as suas máquinas para produzir sobre ele o efeito desejado. O escritor sintético se constrói e se cria um leitor, como deveria

*E*scrita e formas plurais de um autor

ser, não o penso como passivo ou morto, mas vivo e reativo. O que ele achou, o apresenta gradativamente perante os olhos do leitor, ou até conduz o leitor a buscá-lo ele mesmo. Não quer exercer sobre dele uma ação determinada, mas entra com ele na sagrada relação da mais íntima sinfilosofia ou sinpoesia” (SCHLEGEL, 1986).

A escrita analítica é disseminativa, anuncia “o verbo”, a descoberta, a escrita sintética busca um diálogo profundo, chamando um leitor ideal a decifrar, interpretar e imaginar o próprio significado. Proibida pela escrita analítica que, ao entregar um texto complexo e objetivo, entrega um texto nascido morto, a interação é, ao contrário, a característica da estética sintética que permite ao leitor atos de liberdades que se constituem como o acabamento do próprio texto.

A poética da obra aberta tende, como diz Pousseur, a promover no intérprete atos de liberdade consciente, a colocá-lo como centro ativo de uma rede de relações inexauríveis, entre as quais ele instaura a própria forma, sem estar determinado por uma necessidade que lhe impõe os modos definitivos da organização da obra (...). Como o fruidor circum-navega a forma, esta lhe se apresenta como várias formas. (ECO, 1986)

A escrita sintética fornece ao leitor, portanto, “um campo de possibilidades interpretativas, como configurações de estímulos dotados de uma substancial

*E*scrita e formas plurais de um autor

indeterminação, assim que o receptor seja induzido a um conjunto de leituras sempre variáveis” (ECO, 1986). A distinção entre escrita analítica e escrita sintética, proposta por Schlegel, acompanha as transformações do próprio ofício do escritor e de suas próprias características, no debate sobre as qualidades dos artigos e da literatura científica que se espalham no âmbito da multiplicação da produção acadêmica em formato de revista.

O INTERESSANTE CASO DOS ‘PROFESSORES’
TUPÃ GOMES CORRÊA E VICTOR AQUINO

Segundo J. Joyce, o escritor não deveria ter como objetivo a fama ou o reconhecimento. Em diversas ocasiões ele costumava repetir que escrevia os seus textos não pelo público de leitores, mas por apenas um cara, que ficava sentado na poltrona da sala de sua casa, bem na frente dele e cujo nome era J. Joyce. A escrita é sempre um desdobramento de um eu em outro. De um lado o eu-escritor e do outro, pela magia da tecnologia da escrita, o outro eu-leitor. O ofício do escrever comporta sempre um afastamento e, conseqüentemente, uma leitura por parte do autor do texto, geralmente mais de uma, que passa a interferir e a corrigir a obra do primeiro autor; a este se soma o segundo, o revisor do texto que completa e melhora a obra do primeiro. A primeira duplicação do sujeito escritor está, portanto, no seu ser leitor de si próprio e

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Escrita e formas plurais de um autor

coautor do conteúdo do texto. Tal desdobramento marca todos os “eus” escritores e torna-se uma necessidade inquestionável no âmbito da prática da escrita – um pressuposto e uma imposição da tecnologia da escrita.

Mas de diversa natureza é o caso do desdobramento que interessa os professores Tupã Gomes Correa e Victor Aquino e que mostra outro tipo de duplicidade do eu escritor, a qual apresentarei em seguida. Os dois professores são contemporâneos e possuem muitos aspectos em comum: o ofício – ambos são professores na Universidade de São Paulo, ambos são docentes da Escola de Comunicações e Artes, ambos são gaúchos e ambos são escritores de diversos livros. Seria fácil apresentá-los como colegas próximos, quase gêmeos, mas existe entre os dois uma importante diferença que se encontra no conteúdo de seus textos e na própria forma de escrita. A produção do professor Tupã Gomes Correa é, na sua totalidade, uma produção acadêmica e científica, que vai da opinião pública à teoria da comunicação e à estética, enquanto o professor Victor Aquino é, sobretudo, autor de obras literárias, geralmente contos, ambientados nas províncias do Rio Grande do Sul, e que tem como tema o cotidiano, as vidas e as relações sociais de suas populações. Os dois autores são a expressão contraposta e viva da categoria estética da escrita proposta por Schlegel. Enquanto a escrita analítica, própria do professor Tupã Gomes Correa, obedece à lógica científica de descrever fenômenos, revelando minuciosamente as características e

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*E*scrita e formas plurais de um autor

a morfologias dos mesmos, a escrita sintética do professor Victor Aquino apresenta todas as características da forma sintética que criam uma ecologia de interação que necessita da interação do leitor, da sua imaginação e da sua bagagem cultural para produzir sentido. Mas esse peculiar tipo de desdobramento estético que interessa os textos dos dois autores exprime uma ulterior e qualitativa característica, decorrente do fato de que os dois professores, Tupã Gomes Correa e Victor Aquino, são a mesma pessoa.

No currículo Lattes do Victor Aquino se lê que “nasceu no Rio Grande do Sul, em 1948, como Tupã Gomes Correa”, retificando o registro civil muitos anos depois. Pessoalmente conheci ambos. O professor Tupã, quando este era diretor da Escola de Comunicações e Artes da USP, e o professor Victor, como colega e diretor de departamento na mesma Escola. A mudança de nome corresponde à passagem significativa de um tipo de escrita para uma outra e, ao mesmo tempo, de um para um outro escritor.

Caso único, o duplo eu dos professores Tupã Gomes Correa e Victor Aquino é a metáfora da nossa condição da escrita, mas, ao mesmo tempo, a metáfora do nosso ser suspenso entre a forma analítica (estática, racional e objetiva) e a forma sintética (interativa, dinâmica e imprevisível). A metáfora da nossa dúplice condição existencial, suspensa entre a visão científica do mundo e as visões outras, as não explicáveis, as do sentimento, as da

Escrita e formas plurais de um autor

poesia etc. A primeira, que nos impõe a explicação analítica e que se baseia sobre a epistemologia de um mundo e de uma natureza, autônomos e separados do humano, forma de conhecimento que nos deu os avanços das tecnologias e, ao mesmo tempo, e contraditoriamente, a certeza da extensão da nossa espécie. É essa que hoje nos fala de Gaia, da certeza científica do impacto catastrófico do nosso modelo de desenvolvimento (apenas econômico) na esfera geológica e climática e, portanto, não apenas na superfície (biodiversidade, florestas etc). É essa que nos avisa com dados e números da próxima extinção da espécie humana devida a processos de desertificação já inexoravelmente em curso e às consequências das mudanças climáticas. A segunda é condição e forma de existência que nos oferece, ao contrário, a esperança de um milagre ou de um explicável e imprevisível evento transformador. Os antigos gregos, ainda não influenciados pela episteme científica, tinham para ela uma segunda condição, um termo preciso identificado pela palavra *aion* (*aion*), que expressava o ato imprevisto e irrepitível, que marcava o acontecimento de algo inesperado.

Suspensa entre as evidências e a objetividade científica, o imprevisível e inexplicável ato criador, a nossa condição² contemporânea não pode que se expressar com uma

2 A etimologia latina do termo condição (do latin *conditio, conditionis*) possui duas diversas traduções, a primeira que remete ao seu sentido de "coerção" e de "vínculo", e a segunda que indica o significado de "possibilidade" e de "oportunidade".

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*E*scrita e formas plurais de um autor

dúplice forma expressiva, a analítica e a sintética. A deslocação do eu numa duplicidade deve ser entendida, portanto, não como a expressão de uma forma e essência dialética, passagem de A para B, mas como um trânsito, ou seja, como aquele particular movimento evidenciado por Mario Perniola que permite a passagem do mesmo para o mesmo:

O trânsito não é um movimento diacrônico (...). O trânsito é um movimento sincrônico que vai do presente para o presente (...). A pretensão de transcendê-lo é absurda quanto pular sobre os próprios ombros... O trânsito não é um fluir incessante que vê a hora suceder a hora, o nunc ao nunc (...). O trânsito é o caminho que vai do presente para o presente (...). O trânsito é um processo que vai de uma presença para uma presença. (PERNIOLA, 1995)

A deslocação do eu literário em um outro passa a assumir hoje a metáfora de uma característica típica da nossa época na qual a quantidade infinita de informações, a complexidade reticular e aos múltiplos formatos nos projetam a passagem de uma identidade e de uma subjetividade para a condição múltipla de diversas formas. Deve-se a G. Simmel o mérito de ter enfatizado, em lugar da identidade e nas estruturas, a ideia de forma. Pensar a escrita e o escrever e em sua dimensão plural e deslocativa significa superar a lógica da oposição entre texto e autor, entre particular e total:

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Escrita e formas plurais de um autor

Assim, sem reduzir à unidade, o que é próprio do racionalismo, a forma favorece a unicidade, mantém a coesão entre os elementos mais diversos. Em outros termos, em um mundo feito de contrastes, esta permite conceber uma ideia de conjunto: aquela da organicidade que agrega, seguindo caminhos diversos, todos os fragmentos do heterogêneo. A dialética tinha a ambição, a pretensão, de superar o contraditório e oferecer, assim, sentido ao mundo, orientá-lo, atribuir ao mesmo uma finalidade. O formismo, ao contrário, agrega todos os contraditórios e favorece um senso que se estingue no mesmo agir, que não se projeta, que vive no jogo das aparências, nas florescências das imagens, a valorização dos corpos. (MAFESOLI, 2000).

O autor plural, expresso em forma inspiradora pelos autores Tupã Gomes Corres e Victor Aquino, é a expressão de um formismo da escrita e da condição da nossa contemporaneidade que é gerada pelos textos dos dois autores a partir de suas contemporâneas proximidades. Um original, tipo de forma-conteúdo que supera as especificidades. Outro, com a dimensão de uma poética existencial, no sentido a esta atribuído por Schlegel:

Um homem verdadeiramente livre e culto deveria poder assumir livremente segundo o próprio prazer uma disposição filosófica ou filológica, crítica ou poética, histórica ou retórica, antiga ou moderna, assim como afinamos um instrumento, a cada instante e em diversos tons. (SCHLEGEL, 1986)

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Escrita e formas plurais de um autor

A forma analógica e sintética da escrita dos dois autores e suas trajetórias existências próximas e diversas, *ao mesmo tempo, formam uma não unidade e uma original deslocação estilístico-identitária já* experimentada por Fernando Pessoa e antes por Odisseu (Ulisses) que, feito errante pela perseguição dos deuses, ao chegar em terras desconhecidas escondia sua identidade, tornando-se sempre outro diverso de si.

Assim vai a Victor Aquino o mérito de ter revelado Tupã Gomes Correa e a Tupã Gomes Correa o mérito de ter inventado Victor Aquino. Sou amigos de ‘ambos’, gosto dos ‘dois’ e aprendi muito com ‘eles’.

REFERÊNCIAS

ECO, U. **Opera Aperta**. Milano: Bompiani, 1986.

MAFFESOLI, M. **Elogio della ragione sensibile**. Roma, Ed. SEAM, 2000.

PERNIOLA, M. **Transiti**. Roma: Ed. Biblioteca Cappelli, 1995.

SCHLEGEL, F. **Escritos de estéticas**. Milano: Biblioteca Sansoni, 1986.